

S e a r a n o v a

DIRECTOR DELEGADO: António Sérgio

EDITOR: Câmara Reys

Redacção, Administração e Oficinas—Calçada do Tejolo, 37-A

DEPOSITÁRIO — Travessa da Boa-Hora, 43, 1.º

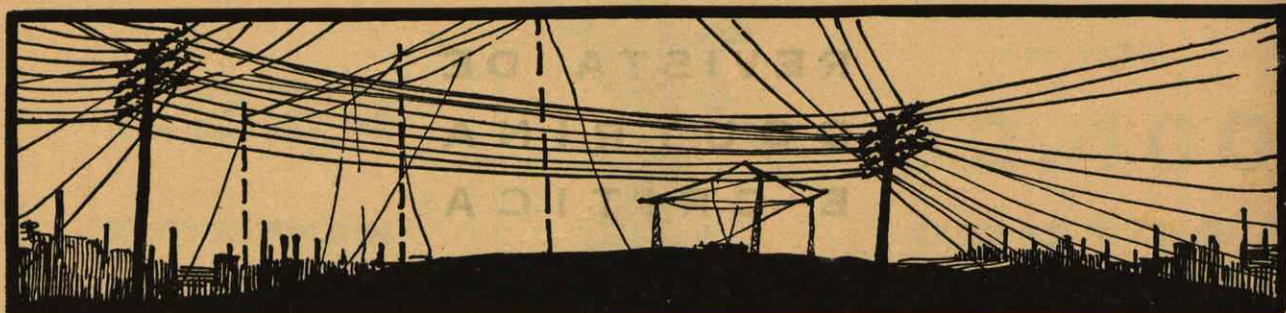
Telefone 23547

Enviar toda a correspondência para a Travessa da Boa-Hora, 43, 1.º

CORPO DIRECTIVO: António Sérgio, Câmara Reys, Jaime Cortesão, Mário de Azevedo Gomes, Raúl Proença e Sarmento Pimentel. — PROPRIETÁRIA E EDITORA: Empresa de Publicidade SEARA NOVA.

ASSINATURAS — Continente e Ilhas: 6 números, 7\$50; 12, 15\$00; 24, 30\$00; — Colónias: 12 números, 20\$00; 24, 40\$00; — Brasil: 12 números, 20 mil reis; 24, 40 mil reis; — Estrangeiro: 12 números, 25 francos, 24, 50 francos.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



factos e documentos

AINDA O PROBLEMA DA DIVULGAÇÃO

Num formoso artigo da *República*, sob o título « O pedantismo da aristocracia intelectual », preconiza Jaime Brasil os esforços para a cultura do povo, transcrevendo, entre outros, um período de Abel Salazar em que este distintíssimo cientista foi, uma vez mais, generosíssimo para connosco. É o seguinte:

« A acção começada em Portugal por António Sérgio e alguns outros, tem de ser, em suma, completada, ampliada, generalizada e, em certos pontos, actualizada: e isto contra os metafísicos, contra as Universidades, contra as Academias, seja contra quem fôr. »

Agradecemos o imerecido elogio, e submetemos ao nosso nobre amigo Jaime Brasil as seguintes hipóteses ou considerações:

Perfeitamente de acôrdo quanto à intenção; mas guardemo-nos de que o modo de fazer não vá prejudicar a intenção. A minha fórmula, quanto à cultura do espirito, seria menos a de vulgarizar a ciência que a de aristocratizar o vulgo. Antes de ensinar o povo, ¿ porque não aprender da sabedoria do povo aquela grande e utilíssima regra: *de-pressa e bem — não faz ninguém?* Se um homem do povo me viesse dizer: « quero saber cálculo diferencial », eu reperia: « Coragem, amigo! Aprovo inteiramente êsse projecto! Mas há que começar pela aritmética, pela álgebra, pela geometria: mãos à obra, *que lá chegareis!* » Sirva-se a ciência ao povo; mas que o generoso intuito de lha servir de-pressa nos não leve a tirar-lhe o rigor, a exactidão, a nitidez, a ascética, — o próprio espirito científico, numa palavra. Seria aquilo a que os Ingêleses chamam « despejar a criança ao mesmo tempo que a água do banho ». Facilite-se a ciência: não tanto, porém, que venha a perder o carácter científico, ou que se torne ininteligível. Por mim, prefiro ignorar o chinês

a que me ensinem um chinês que não seja a língua dos chineses; e é talvez transviarmos-nos no nosso amor ao povo o dar-lhe coisas que não sejam tão boas como as que nós queremos para nós próprios. Há mães que, à fôrça de adorarem os seus filhos, de lhes tirarem do caminho as dificuldades, os incapacitam para os embates e trabalhos da vida: dessas se costuma dizer que amimam demais os pequerruchos. Pois bem: amemos o povo; e, por isso mesmo, não amimemos o povo demasiadamente. Queiramo-lo intelectualmente viril, rigoroso, ascético, amador do difícil, desejo de perceber *de-facto*, de não se contentar com pseudo-ideias. Respondamos-lhe com a sabedoria dêle próprio povo: *de-pressa e bem — não faz ninguém.*

Recebemos, sobre êste assunto, de um homem do povo que não conhecemos, mas cuja vontade de cultura se nos afigura admirável, a carta seguinte, que cremos inteligentíssima:

« Sanatório Marítimo da Gelfa, Âncora, 4-6-1937 — Ex.º Sr. Dr. António Sérgio — Lisboa — Ex.º Senhor. Acabo de ler na *Seara Nova* os comentários de V. Ex.ª aos artigos do Sr. Dr. Abel Salazar sobre a Vulgarização científica. Foi com bastante interêsse que li tão justos comentários, e é sobretudo a parte final que me leva a escrever-vos:

« Porque o leitor desta vulgarização científica (para fuzamos nós) ou é um iniciado, ou não o é. Se não é iniciado, ¿ percebeu alguma coisa do que ai lhe disseram? Não o sabemos; quiséramos que os não-iniciados se nos confessassem. Se é um iniciado, ¿ serviu-lhe de alguma coisa o ter lido aquilo, e aperfeioou com essa leitura o seu saber? Ignoramo-lo; gostaríamos que os iniciados no-lo esclarecessem. »

« Não sei se êste convite é feito também aos leitores que, como eu, nenhuns conhecimentos científicos ou filológicos têm. Cultura geral, tenho aquela que consegui

(Segue na página 216)

os de dar a todos a abundância de tudo, sem necessidade de sacrifícios para os que já possuem, sem pedir a ninguém que se despoje do seu; e, no entanto, continua a alastrar uma miséria horrível; a haver pais que matam os filhos, e que depois se suicidam, por não terem com que os alimentar; continua-se, por toda parte, a destruir alimentos em quantidades imensas; a forçar os agricultores a não produzirem; a compelir os pescadores a diminuírem a pesca; a obrigar as fábricas a laborar lentamente... Ora, tudo isto é remediável, — e de maneira pacífica, de maneira fraterna, de maneira cristã... Portanto, meus irmãos católicos, vamos nós modificar o nosso regime económico, de modo que termine esta situação infernal. A ninguém peço que se despoje para o dar aos pobres, como manda esse Cristo que descobristes, porque não é preciso: não é preciso que se despoje ninguém. Basta que se não destrua o que se produziu; que se não restrinja propositadamente a nossa capacidade de produzir

alimentos; que se adoptem enfim os *princípios cristãos* nos processos sociais de distribuir as coisas. ¿Vamos à obra, meus irmãos católicos? »

Repare-se: segundo o depoimento do próprio irmão católico, não diz estas cousas um estouvado qualquer, um ignorante, um estúpido; di-las aquêle mesmo estudioso verídico a quem se chama «fulgurante cérebro», por quem se tem «a maior veneração intelectual». E ¿que fazem os homens que descobriram Cristo, ante o apêlo do homem que o não descobriu? ¿Embrenham-se na obra de redenção do próximo, para que os estamos chamando? — Não: encetam comigo uma argumentação teológica, uma discussão sobre a fé... Ora, enquanto os fiéis procederem assim, ¿que esperança podem ter de que se converta o incréu? O facto de inspirar controversistas — não é para mim uma prova suficiente da divindade de uma religião.

ANTÓNIO SÉRGIO



factos e documentos

(Continuação da página 202)

assimilar nas minhas leituras em livros os mais diversos e em revistas como a *Seara Nova*, *O Diabo*, *Sol Nascente*, *Pensamento*, etc., etc. Julgo-me, portanto, no número dos não-iniciados, e acho do meu dever responder às interrogações de V. Ex.^a.

«Li sempre com a máxima atenção — com aquela atenção com que, julgo, o fazem todos aquêles que, à força de muita vontade e amor pelo saber, conseguiram sair do círculo perigosíssimo do semi-analfabetismo — os artigos do Sr. Dr. Abel Salazar, publicados em o *Diabo*. Confesso que fiquei contentíssimo quando li os primeiros artigos, pois julguei que ia ter realização um dos meus maiores anseios: o de entrar um pouquinho no movimento científico e filosófico contemporâneo. Deram-me essa esperança as seguintes palavras do Sr. Dr. Abel Salazar: «*é porventura possível dar ao público de O Diabo uma idea clara do movimento filosófico contemporâneo, sabendo-se que para bem o compreender é necessário abordar problemas difíceis da ciencia moderna, e entre êles, a Relatividade de Einstein?* »

«*Apoiando-me em autoridades de primeira ordem, como Hans Reichenbach, Moritz Schlick, Emile Borel e outros, posso dar ao leitor uma resposta afirmativa.* »

«E mais estas:

«*Em suma, leitor, não é tarefa impossível, para qualquer pessoa (o sublinhado é meu), vir pôr-se ao facto das modernas concepções científicas e filosóficas;* » etc.

«Devo, porém, confessar, que sofri a mais tremenda das desilusões, pois, exceptuando um ou outro período mais acessível, pouca coisa percebi dos artigos do Sr. Dr. Abel Salazar. Períodos há — e aquêles que V. Ex.^a dá para exemplo na última *Seara* são dêsses — dos quais não sou capaz de perceber nada. De-facto, ¿que sei eu de geometria euclidiana, teorema de Pitágoras, Espaço-

-Tempo? Que sei eu dos sinais: « $L_2 = c_2 T_2 - D_2$, em que c T é a distância-tempo e D a distância-espaço», etc., etc.

«É certo que sou um operário inculto que nem ao menos possui o exame de instrução primária (¿pois não foi também para os leitores nas minhas condições que o Dr. Abel Salazar escreveu?), mas tenho lido muito e julgo-me portanto com o cérebro suficientemente desenvolvido para compreender qualquer coisa, desde que me seja exposta com clareza e simplicidade.

«Em minha desautorizada opinião, estou em crer que é impossível, sem uma preparação anterior — e nesse caso deixa-se de ser não-iniciado — compreender os artigos do Sr. Dr. Abel Salazar.

«Se o meu depoimento servir para alguma coisa, pode V. Ex.^a fazer dêlo o uso que quizer.

«Sem outro motivo, digne-se V. Ex.^a aceitar os protestos da minha muita consideração e simpatia.

Rodrigo de Gusmão »

PALAVRAS A ABEL SALAZAR

Meu prezado Amigo: Valha-nos Deus! Tenho feito o máximo possível para o homenagear e prestigiar; o meu Amigo, porém, põe os maiores obstáculos a esse meu intento. A medida que multiplica os seus artigos (um na *Seara*, dois no *Diabo*, e este agora no *Sol Nascente*) mais me dificulta o meu empenho. Vai de mal a pior. Ai de mim! Que lhe hei de eu fazer?

Pois ¿não vê o meu Amigo que nos não deve dar provas tão evidentes de que não tentou perceber o que eu escrevi, nem o que leu nos folhetinhos dos empiro-lógicos? Pois ¿não vê que é absurdo o discutir comigo, fazendo-se forte... com os folhetinhos de vulgarização das *Actualidades*